

**(Bio)grafando mulheres:
as singularidades de histórias de mulheres no campo das
ciências e das artes**

CRISTINA MARIA DA SILVA*

JUNIA PAULA SARAIVA SILVA**

A vila de minha infância depois da guerra era feminina. Das
mulheres. Não me lembro de vozes masculinas. Tanto que isso ficou
comigo: quem conta a guerra são as mulheres. Choram. Cantam
enquanto choram.
(Svetlana Aleksievitch, 2016, p.10)

Na história escrita da humanidade, as mulheres raramente aparecem, não porque não participaram dela, mas porque a história da humanidade foi uma história contada pelos homens, tornando assim as mulheres quase "invisíveis" ou não relevantes. Apenas em meados do século XX, com o avanço de uma história social e dos movimentos feministas, foi feita uma tentativa para reconhecer o papel da mulher no desenvolvimento político, científico, social e econômico que tinha se tornado invisível na história.

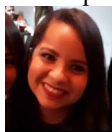
O objetivo desta **edição especial** é observar, a partir das noções de biografia (escrita de uma vida) e trajetória (o que atravessa uma vida), as singularidades de histórias de mulheres no campo das

ciências e das artes. Esse reconhecimento das mulheres na análise histórica significa não apenas dar às mulheres um lugar nos vários eventos do passado, mas também reinterpretar esses eventos à luz de seus impactos diferenciais e de suas singularidades.

Apesar dos obstáculos, são muitas as mulheres que conseguiram por sua determinação, imaginação, força e a sua voz fazer o seu caminho na sociedade do seu tempo e abrir oportunidades a outras mulheres em espaços acadêmicos, artísticos, políticos e sociais. Infelizmente, não foram tantas as reconhecidas, nem se valorizou as suas enormes contribuições. A escritora Virgínia Woolf (1882-1941) em sua obra



* **CRISTINA MARIA DA SILVA** é professora associada do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Letras -UFCE. Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Pós-doc em Antropologia (UNICAMP). Pós-doc em Letras/Literatura Africana (PUC-MG).



** **JUNIA PAULA SARAIVA SILVA** é doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) como bolsista CNPQ e Professora do curso de graduação em Psicologia na Faculdade Católica Santa Teresinha (FCST).

Mulheres e ficção (1929), relata o quanto o campo da literatura foi renegado às mulheres devido às normas e cultura de uma época. Fazer literatura, ciência ou arte era papel dos homens e por muito tempo permaneceu dessa forma, assim, as narrativas carregaram, em seus enredos, primordialmente os lugares que eles ocuparam, suas geografias. As mulheres viviam, principalmente, em casa e em suas emoções, portanto, suas experiências eram forçosamente privadas. “Nenhuma experiência em primeira mão da guerra, da vida, no mar, da política ou dos negócios era possível para elas”. (WOOLF, 2019, p. 12-13).

Woolf observa ainda como gerações de mulheres na Inglaterra permaneceram como figuras indistintas e instavelmente percebidas, pois a história contada é a história feita pelos homens e através do prisma masculino. Observa a escritora:

De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linha; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2019, p. 10).

No entanto, muitas mulheres foram pioneiras em suas criações e inventividades e questionaram o sistema patriarcal, enfrentando seus obstáculos e sendo protagonistas em movimentos artísticos e científicos, bem como deixaram seus vestígios em suas obras, mesmo que essas não tenha tido o reconhecimento e o espaço merecidos.

Em março de 2021, a Associação

Nacional de Pós-Graduação de Ciências Sociais (ANPOCS) realizou um Seminário intitulado: Mulheres na Teoria Social, recuperando a história de: Harriet Martineau (1802-1876 - Inglaterra), Marianne Weber (1870-1954 - Alemanha), Flora Tristan (1803-1844 - França e Peru), Beatrice Potter Webb (1858-1943 - Inglaterra), Ida B Wells (1862-1931 - Estados Unidos) e Olympe de Gouges (1748-1793 - França). Foi lançado também o livro: *Clássicas do Pensamento Social*, organizado por Verônica Daflon e Bila Sorj pelo Laboratório de estudos de Gênero e Interseccionalidade – LABGEN da UFF.¹

Artistas como Sofonisba Anguissola (1532-1625), retratista italiana, considerada a primeira mulher artista do Renascimento e cujas obras foram atribuídas a pintores da corte do rei. Hilma af Klint, artista sueca que criou o movimento abstrato, Frida Kahlo (1907-1954), uma surrealista mexicana, artista que se tornou um ícone do feminismo e da comunidade LGBTI e muitos outros, que ganharam reconhecimento por seus trabalhos após sua morte. Camille Claudel (1864-1943), excepcional escultora e artista francesa, teve sua trajetória ofuscada pela notoriedade de Auguste Rodin. Apenas hoje tem o reconhecimento e um Museu na Antiga casa onde viveu a sua família em Nogent- Sur-Seine, perto de Paris. Podemos também lembrar de Graciela Iturbide (1942) singular fotógrafa mexicana com um trabalho ao mesmo tempo enigmático e poético que evoca um mundo indígena ou urbano e causa uma tensão ao espectador ao aproximá-lo e afastá-lo do que vê tanto do ponto de vista mental como social.

No Brasil, artistas como Tarsila do Amaral (1886-1973), uma pintora

¹ <https://labgen.uff.br/>

modernista considerada a mais famosa artista brasileiro do século 20, que ajudou a definir um estilo de identidade nacional pós-colonial para o seu país. No campo da literatura, Virgínia Woolf aponta as renomadas escritoras inglesas Emily Bronte (1818-1848) e Jane Austen (1775-1817) como algumas das poucas mulheres que conseguiram fazer literatura no seu tempo, entretanto, nenhuma delas publicaram seus romances com seus próprios nomes. O primeiro romance publicado por Jane Austen, *Orgulho e preconceito*, continha apenas a inscrição: “Um romance. Em três partes. Escrito por uma dama.”, os outros livros eram creditados à “mesma autora” dos outros livros. Emily Bronte, a autora da obra *O morro dos ventos uivantes*, publicava suas obras com o pseudônimo de Ellis Bell. O romance *Middlemarch: um estudo da vida na província*, considerado um dos melhores em literatura inglesa, foi escrito por George Eliot (1819-1880), pseudônimo da escritora Mary Ann Evans.

Na ciência, as mulheres conseguiram menos destaque ainda. A cientista Katherine Johnson (1918-2020), responsável pelos importantes cálculos matemáticos que levaram o homem à lua, alcançou reconhecimento tempos depois dos seus feitos com a estreia do filme *Estrelas além do tempo* (2016); de forma semelhante, a cientista Marie Curie (1867-1934), ganhadora de dois Prêmios Nobel, viveu grande parte de sua vida na sombra do marido, o físico Pierre Curie, conquistando reconhecimento posteriormente. No Brasil, Virgínia Bicudo (1910-2003), responsável por trazer e popularizar a Psicanálise no Brasil, na Colômbia, Margarita Marino de Botero, a primeira defensora ambiental da Colômbia que participou ativamente das discussões ecológicas mais importantes do mundo e outras grandes cientistas e acadêmicas

seguem renegadas ao esquecimento.

Dessa forma, nesta **edição especial** acolhemos artigos que contemplam as biografias de mulheres que marcaram a história em diversas áreas do conhecimento e saberes, evocando reflexões que permitem compensar o esquecimento na história já contada e reinscrever por meio de memórias e narrativas um outro posicionamento para os fatos e eventos históricos.

No primeiro artigo, “Eu sou uma vida: a Clarice de Gotlib e de Moser”, Valéria Carneiro da Silva, através de um estudo comparativo de duas obras sobre Clarice Lispector (1920-1977): *Clarice, uma vida que se conta* (1995), de Nádia Battella Gotlib e *Clarice, uma biografia* (2009), de Benjamin Moser, investiga as características biográficas destacadas sobre o nascimento e a morte sobre a escritora, o que se destaca no contar uma vida? Qual vida é contada nestes estudos biográficos?

Em um ensaio sobre a contista argentina Silvina Ocampo (1903-1993), Letícia Carriconde aborda sua trajetória e sua escrita de inspiração autobiográfica, com tons de surrealismo pictórico, através de *La furia*, um de seus primeiros livros, publicado pela primeira vez em 1959 em espanhol, mas publicado somente em 2019 em língua portuguesa, classificado sob o gênero do terror ou suspense.

Refletindo sobre os direitos das mulheres, identidade história e a memória na produção biográfica de Ana Arruda Callado (1937), Jussimara aborda a presença feminina na produção de biografias no Brasil. Com um enfoque na escrita de Ana Arruda Callado, que investigou, escreveu biografias de biografia e as publicou entre os anos de 1995 e 2016, o estudo evidencia correlações entre biografia, gênero e a História das Mulheres.

A história de uma cientista negra que sofreu pelo duplo silenciado: de gênero e cor nos é contada por Nathalia Savazi. A autora bell hooks em sua obra *Luta de classe feminista* (2020) já apontava para a necessidade de falar sobre as particularidades da luta feminista de uma mulher negra que luta por mais coisas do que as brancas. Notamos isso no artigo *Trajetória de uma cientista negra: dos desafios da infância ao prêmio L'Oréal* que conta os caminhos de uma mulher negra até chegar à vida acadêmica. Um percurso que contou com inúmeras dificuldades como a falta de apoio e representatividade, o sexismo e o racismo institucional. Podemos perceber os grandes feitos da cientista, identificada apenas como R., no entanto, devemos nos questionar o porquê de uma grande pesquisadora ainda ser invisibilizada na sociedade? O artigo nos fornece algumas respostas e não são nada acalentadoras; as mulheres negras enfrentam, diariamente, o desmerecimento social apenas por seu gênero e cor, algo que deve ser combatido todos os dias.

O artigo de Amélia Paiva Abrão e Fernanda Budag, sobre a trajetória de Maria Aparecida Baccega (1943-2020), recupera a memória perdida de uma grande intelectual brasileira no campo da Comunicação, que ficou esquecida na história, assim como seus grandes feitos e contribuição para o meio acadêmico. Em um cenário majoritariamente androcêntrico e misógino, seu trabalho e sua atuação evidenciam outra face da vida acadêmica. Realizou estudos na área da linguagem e da análise de discurso e evidenciou como o ato de fala nunca é apenas de um indivíduo, mas um ato social, abrindo caminhos para refletirmos sobre novas tecnologias da comunicação e da informação críticas as nuances discursivas e atentas aos modos de recepção e consumo.

De forma parecida, a trajetória da fotógrafa americana Cindy Sherman (1954), é estudada por Nicoli Macêdo. Seus trabalhos revolucionários e autênticos enraizados de críticas à uma indústria arcaica foi silenciada. Sherman possuía conceitos refinados para construção de suas obras e nos faz refletir sobre a consolidação distorcida da imagem feminina através de sua narrativa fotográfica aliada ao movimento cinematográfico, é o que podemos ler no artigo *Cindy Sherman: o simulacro da imagem feminina* que mostra e desvela a série fotográfica *Untitled Film Stills*, marcada pela influencia dos famosos diretores Michelangelo Antonioni e Alfred Hitchcock das primeiras décadas do século XX.

Ainda no âmbito das artes, o artigo *Um ensaio sobre as relações de semelhança a partir de Leonora Carrington*, (1917-2011) uma artista, escultora e pintora surrealista, que nasceu no Reino Unido e fez sua carreira na França e no México. Carrington foi uma artista múltipla, nunca seguiu os padrões impostos pela sociedade e sofreu as consequências disso, no entanto, sempre expressando em suas obras todas as dificuldades e dores vivenciadas ao longo de sua vida, exaltando a autonomia da imagem.

Outra grande artista nos é apresentada no artigo *Breve aproximação à vida e obra poética de Violeta Parra* (1917-1967), de Joyce Muzi, uma artista chilena de talento incontestável. Parra enfrentou dificuldades para mostrar suas obras por causa do seu gênero e origem, no entanto, sem desistir e devido aos seus múltiplos talentos como cantora, compositora e artista plástica, a artista conseguiu prevalecer em um meio predominantemente masculino com seu “carisma inigualável”. Percebemos que Parra usava suas histórias pessoais como

inspiração para expressar as suas obras e, por essa razão, torna-se quase impossível desvincular sua vida de sua obra. Com uma “missão compiladora da cultura popular”, a artista mergulha em sua subjetividade sem perder de vista o coletivo, engendrando em sua obra os contextos sociais, políticos e históricos de seu povo.

Podemos indagar qual seria a importância de escrever cada vez mais as histórias de mulheres ao longo dos anos? Para responder a essa questão podemos recorrer à Virginia Woolf e seu ensaio publicado recentemente no Brasil: *As mulheres devem chorar...ou se unir contra a guerra* (2019) no qual mostra a estreita relação entre patriarcado e militarismo que privaram, durante muito tempo, as mulheres da liberdade e tornando os homens opressores. Além disso, Woolf aponta que a tirania do patriarcado afeta a todas as pessoas, não só as mulheres.

A obra apresenta duas cartas de Woolf enviadas para Affable Hawk, pseudônimo do crítico literário Desmond MacCarthy, que costuma escrever resenha corroborando com ideias misóginas; A escritora, brilhantemente, refuta as ideias do crítico e escreve sobre a necessidade de as mulheres terem liberdade de experiência, conforme aponta: “Mas não é preciso apenas educação. É preciso que as mulheres tenham liberdade de experiência; que elas difiram, sem medo, dos homens, e que expressem sua diferença abertamente” (WOOLF, 2019, n.p.).

Woolf refuta ainda a ideia do autor de que existiram apenas poetas homens relevantes mostrando a grande quantidade de notáveis mulheres escritoras como Jane Austen e Charlotte

Brontë (1816-1855), que tiveram que usar pseudônimos masculinos para publicarem sua obra.

Quando lemos o entusiasmo de Woolf e sua luta em defesa das mulheres percebemos a grande necessidade que existe de falar sobre as invenções e realizações femininas, mas principalmente refletir sobre o porque da continuidade desses silenciamentos e mesmo questionar a existência ainda de tantos limites para que seus passos e rastros acessem os espaços da sociedade que desejam. Em 1929, Woolf escrevia:

As mulheres do futuro escreverão menos, mas melhores romances; e não apenas romances, mas também poesia e crítica e história. Ao dizer isso, por certo olhamos bem à frente, para aquela era de outra e talvez fabulosa em que as mulheres terão o que por tanto tempo lhes foi negado: tempo livre e dinheiro e um quarto só para si. (WOOLF, 2019, p. 18-10).

Referências

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOOKS, bell. Luta de classe feminista. In: **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020. P. 65-74.
- WOOLF, Virgínia. **As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo**. Trad., organização e notas Tomaz Tadeu, posfácio Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- WOOLF, Virginia. Mulheres e Ficção. In: **Mulheres e ficção**. 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019, p. 10-19.

Recebido em 2022-05-26
Publicado em 2022-06-01